





# ARQUIVO DE CASCAIS

HISTÓRIA | MEMÓRIA | PATRIMÓNIO



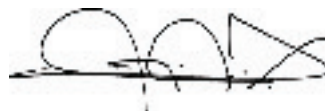
## RUMO AO 660.º ANIVERSÁRIO DA VILA DE CASCAIS

A cultura é um processo infinito e plural através do qual a herança material e imaterial que passamos de geração em geração se enriquece, fundindo tradição e inovação e assegurando a preservação sem restringir o direito à criação.

O património constitui um dos mais simbólicos garantes da identidade da nossa comunidade e consequentemente um campo aberto para a consolidação de uma efetiva democracia cultural. Cumpre, assim, ao município garantir a sua plena fruição, estudo e difusão, abrindo-o ao universal, na certeza de que cidadãos informados e capacitados são o maior ativo para a consolidação do todo em que nos integramos.

O estudo da história, da memória e do património do concelho volta a ser valorizado no *Arquivo de Cascais*, por meio da edição de nove textos inéditos da autoria de prestigiados investigadores, que gentilmente decidiram partilhar os seus saberes. Aqui se apresentam novos contributos para o estudo da nossa terra nas mais diferentes áreas, que abarcam a arqueologia, a história, a antropologia e a conservação e restauro.

O nosso muito obrigado a todos os que colaboraram para a construção desta obra coletiva dedicada à comunidade que o Município de Cascais tem o privilégio de representar e servir há quase 660 anos!



Carlos Carreiras  
Presidente da Câmara Municipal



## ÍNDICE

**6**

SEPULTURAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE VILARES (ALCABIDECHE – CASCAIS)

Guilherme Cardoso | José d'Encarnação | Carmen Pereira

**28**

CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DA INDÚSTRIA DE EXTRAÇÃO DA PEDRA  
NO CONCELHO DE CASCAIS

Ana Cristina Antunes | Francisco Matta Pereira

**50**

SANATÓRIO DR. JOSÉ DE ALMEIDA: DINÂMICAS DA CONFIGURAÇÃO SOCIAL  
SANATÓRIO MARÍTIMO

Carlos Miguel Ferreira

**76**

TÊNIS EM CASCAIS: DAS ORIGENS À FUNDAÇÃO DO CLUBE DE TÊNIS  
DO ESTORIL (1882-1945)

João Miguel Henriques

**106**

CHALET FICALHO: A HISTÓRIA DE UMA CASA DE CASCAIS

Francisco Franco de Sousa

**124**

MANUEL FERREIRA DOS SANTOS, UM CONDUTOR DE OBRAS PÚBLICAS  
EM CASCAIS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

António Francisco Arruda Cota

**150**

A LEI DA SEPARAÇÃO DO ESTADO DAS IGREJAS E AS SUAS IMPLICAÇÕES  
NO CONCELHO DE CASCAIS

Ana Gaspar

**166**

O HOSPITAL CONDES DE CASTRO GUIMARÃES: ASSISTÊNCIA À SAÚDE,  
MISERICÓRDIA E ESTADO

Olga Bettencourt

**196**

INTERVENÇÕES DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO NO ACERVO HISTÓRICO  
DOCUMENTAL DE CASCAIS (2014-2023)

Luís Pereira





# SEPULTURAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE VILARES (ALCABIDECHE – CASCAIS)

Guilherme Cardoso<sup>1</sup> | José d'Encarnação<sup>2</sup> | Carmen Pereira<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico de Vilares, Murches, foi dado a conhecer por Francisco de Paula e Oliveira no seu trabalho *Antiquités Préhistoriques et Romaines des Environs de Cascaes*, em memória póstuma onde escreveu: “Au sud-est de Murches, on observe encore une grande quantité de débris de matériaux de construction disséminés sur le terrain. L'endroit où ils sont plus abondants s'appelle Villares. J'y ai trouvé aussi une tombe, mieux construite qu'aucune de celles que j'ai vues dans cette région. Cette tombe avait le fond formé de larges briques, ses parois latérales étaient des dalles parfaitement équarries et d'une égale épaisseur. Malheureusement, elle était en partie détruite et tout son intérieur se trouvait très bouleversé” (1888/92: 92).

O sítio foi relocalizado a 25 de junho de 1973 através de prospecções onde observámos muitos fragmentos de *imbrices*, de potes e um fragmento de peso de tear dispersos pela superfície do solo arável. Num dos muros de divisão de propriedade que fica a sul foi recolhido por João Cadish um dormente de mó manual que foi levado, nos finais dos anos 70 do século passado, para o Museu do Mar de Cascais (Cardoso, 1991: 38, n.º 30), fig. 1.

No ano de 2000, foi solicitada à Câmara Municipal de Cascais, pelos proprietários de um dos terrenos onde se situa a *villa* romana de Vilares, a viabilidade de aí construir. Devido a nunca se ter procedido a qualquer tipo de trabalho arqueológico no local, em época recente, foi indicado pelos serviços técnicos camarários que se procedesse primeiramente a sondagens arqueológicas, com o fim de se saber se havia, ou não, vestígios arqueológicos na propriedade, qual a área da sua extensão e seu grau de conservação, caso existissem.

1 Associação Cultural de Cascais.

2 Associação Cultural de Cascais.

3 Câmara Municipal de Cascais.

No seguimento do processo, a Associação Cultural de Cascais foi a entidade escolhida pelos proprietários para proceder às referidas sondagens em estreita colaboração com o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Cascais, sob a responsabilidade de José d'Encarnação, Guilherme Cardoso, João Marcelino Cabral e Lurdes Trindade Niewendam.

## A ESCAVAÇÃO

Os trabalhos de escavação iniciaram-se em meados de agosto de 2000, no lado sul do terreno, por ser aquela onde os vestígios se concentravam mais à superfície do terreno de lavoura. Concretizou-se uma série de sondagens na cota mais elevada, tendo-se verificado que, naquele local, já não existiam camadas arqueológicas, pelo que se avançou mais para norte.

Procedeu-se em consequência, à escavação de uma grande área (12 m x 20 m), que permitiu identificar um sector bastante arrasado por séculos de trabalhos agrícolas. Registou-se, porém, a presença de materiais datáveis da Idade do Ferro e restos de ruínas de estruturas romanas de alvenaria seca, com pisos lajeados e de terra batida sobre enrocamento, correspondentes certamente a edifícios de habitação, bem como silos de época islâmica.

Na zona de enrocamento da antiga área romana foram identificadas duas sepulturas, uma de caixa e outra de covacho com cobertura e ligeiramente desviada para poente, já fora da área do enrocamento, uma sepultura de bebé sob restos de um *imbrex*.

O estudo dos materiais recolhidos permitiu demonstrar que o local fora abandonado como espaço habitacional no Alto Império, tendo sido posteriormente utilizado como necrópole e, já em época medieval islâmica, como área sazonal de armazenagem de víveres.

A continuação das escavações arqueológicas, no ano seguinte, mais para norte, possibilitou a identificação de uma série de silos e de um grande edifício romano datável já do Baixo Império. No interior do silo 10 foi encontrado o esqueleto de uma jovem (Cardoso *et alii*, 2022: 279 e 280).

## TIPOS DE ENTERRAMENTO ENCONTRADOS

Pode dizer-se que, na verdade, não se detectou uma necrópole na plena acepção da palavra, mas enterramentos dispersos que, por razões desconhecidas, acabaram por ocorrer na mesma zona, fig. 2.

Tirando o caso dos enterramentos mais a sul – onde se encontraram dois túmulos de adultos, um de covacho, outro de caixa e um infantil depositado sob *imbrex*, construídos numa antiga área habitacional –, a distribuição espacial aqui documentada constitui algo fora do habitual, embora já conhecida noutras zonas do *ager*



2. Localização das sepulturas. Levantamento topográfico de António Oliveira

*Olisiponensis*: é o caso da necrópole romana do Casal Rebolo, em Sintra (Gonçalves, 2011); de uma sepultura na *villa* romana de Caparide, ou o caso do enterramento de crianças junto às ruínas de antigos edifícios de habitação, como tivemos ocasião de documentar no Alto do Cidreira, em Freiria, no Casal do Clérigo ou em Caparide (Cardoso e Cardoso, 2022, p. 108).

Por sua vez, o sepultamento de uma jovem no período medieval, muito próximo dos anteriores, indica que houve aproveitamento de um silo vazio para depositar um corpo, sem grande cuidado. Deste período conhecem-se casos idênticos em Espanha, como o da inumação de uma mulher em idade avançada num silo do sítio

de Mata del Palomar (Nieva, Segovia), e outra, de dois indivíduos, em Congosto, Rivas-Vaciamadrid, Madrid (Vigil-Escalera Guirado, 2013, p. 268, 274, fig. 3.1 e 3.6).

## INVENTÁRIO DAS SEPULTURAS

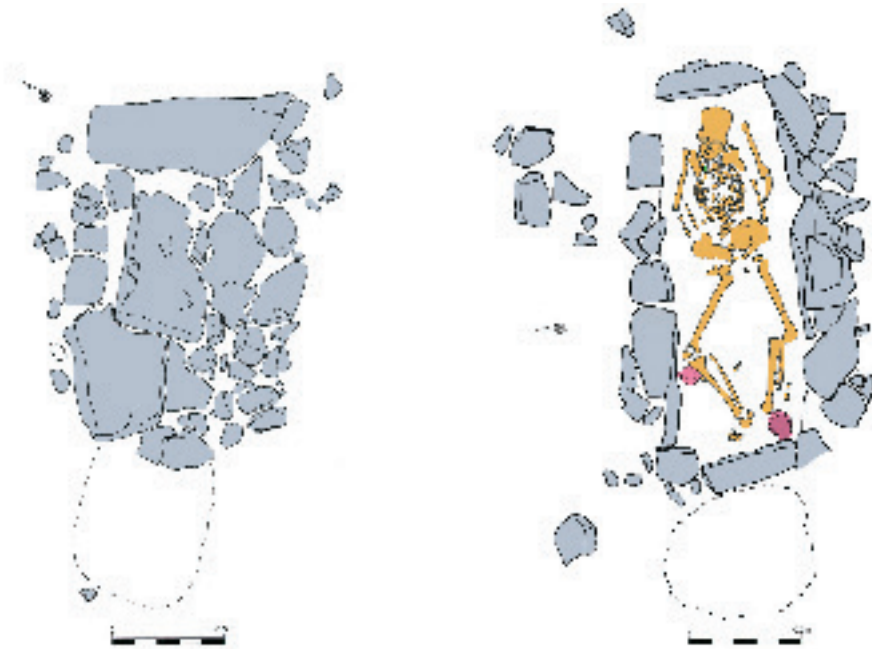
### Sepultura 1

Do tipo caixa, de forma rectangular abaulada. Orientada este-oeste. Comprimento interno: 158 cm; largura máxima: 56 cm; altura interna: 43 cm.

Esteios e tampa de toscas lajes de calcário local, com as fendas cobertas por pequenas pedras. A parede sul era constituída por três lajes verticais, na parte inferior, e uma fiada de lajes mais pequenas na parte superior, colocadas horizontalmente. A parede norte, mais irregular, tinha, como a anterior, os esteios em cutelo e só no topo de um deles é que existia uma laje horizontal para nivelar a parede para apoio da tampa. Na cabeceira, apenas um ortóstato e, aos pés, dois (fig. 3).

No interior, um esqueleto, do sexo feminino, na posição de decúbito dorsal virado a poente (fig. 4).

Artefactos: uma moeda de liga de cobre do imperador Marco Aurélio (fig. 15), sobre a omoplata direita; um púcaro junto ao pé esquerdo (fig. 17.2) e uma lucerna (fig. 17.1) junto à rótula direita.



3. Plantas da sepultura 1: Tampa, esqueleto e espólio votivo. Desenhos Lurdes Trindade Niewendam



4. Sepultura 1. Fotografia Guilherme Cardoso



5. Coluna vertebral do enterramento da sepultura 1. Fotografia de Gonçalo Carnim

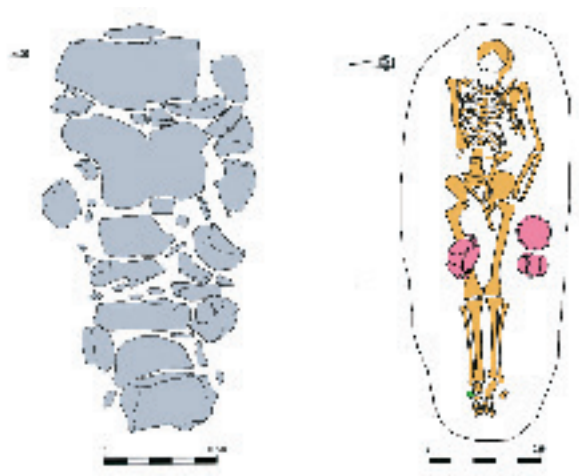
## Sepultura 2

Do tipo covacho com cobertura. Orientada este-oeste. Comprimento: 220 cm; largura máxima: 70 cm; altura interna: 38 cm.

Tampa constituída por toscas lajes de calcário local, com as fendas cobertas por pequenas pedras. Lajes de cobertura inclinadas para dentro, evidenciando que se tratava de um covacho (fig 6).

No interior, logo por baixo das lajes da tampa, o esqueleto de uma jovem, na posição de decúbito dorsal virado a poente (fig. 7).

Artefactos: junto às rótulas, do lado norte, uma pequena copa de duas asas (fig. 17.5). Na mesma direção, mas do lado oposto, um púcaro de duas asas (fig. 17.3) e uma taça carenada de cerâmica comum (fig. 17.4). Sobre os pés, uma moeda de bordo chanfrado, de bronze (fig. 16).



6. Plantas da sepultura 2: Tampa, esqueleto e espólio votivo. Desenhos Lurdes Trindade Niewendam

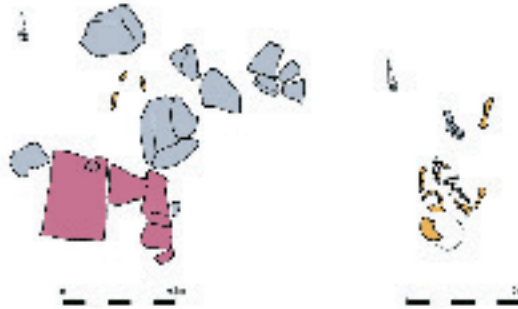


7. Sepultura 2, esqueleto. Fotografia Guilherme Cardoso

### Sepultura 3

Do tipo covacho com cobertura de telha. Orientada sul-norte. Comprimento: 40 cm; largura 20 cm.

A cobri-la, um fragmento de *imbrex* e, a delimitá-la, pequenas pedras de calcário junto aos pés (fig. 8). Os trabalhos de lavoura danificaram parte da cobertura de telha. No interior, o esqueleto de uma criança muito jovem (fig. 10).



8. Plantas da sepultura 3, tampa e esqueleto. Desenho Lurdes Trindade Niewendam

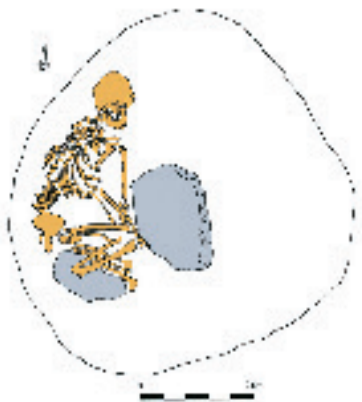


9. Sepultura 3, esqueleto. Fotografia Guilherme Cardoso

### Sepultura 4

O silo n.º 10 encontrava-se selado por pedras e colmatado com raros fragmentos de cerâmica até aos 38 cm. Na cota dos -50 cm apareceu um esqueleto do sexo feminino, jovem, com cerca de 1,49 m de altura, articulado na posição fetal lateral esquerda, com a cabeça do lado norte, tendo a face virada para baixo e as costas encostadas à parede poente do silo. Braços estendidos, as mãos junto aos joelhos; o corpo encaixado,

na parte inferior do silo, entre duas pedras (figs. 9 e 10). No entanto, a rotação *post mortem* que o crânio e as vértebras cervicais sofreram indica que o corpo não foi coberto com terra imediatamente após o momento da morte, pelo menos no que se refere à zona da cabeça e do pescoço (Cardoso, 2001).



10. Planta do enterro do silo 10, sepultura 4. Desenho Lurdes Trindade Niewendam



11. Silo 10, sepultura 4. Fotografia de Guilherme Cardoso



12. Calcâneo e talus esquerdos do enterro do silo 10, sepultura 4. Fotografia Guilherme Cardoso



13. Úmeros do enterro do silo 10, sepultura 4. Fotografia Guilherme Cardoso





14. Crânio do enterramento do silo 10, sepultura 4.  
Fotografia Guilherme Cardoso

## O espólio funerário

### MOEDAS

Associadas a dois dos enterramentos foram recolhidas duas moedas: sobre a omoplata direita do esqueleto da sepultura 1 um bronze de Marco Aurélio (161-180 d. C.), que possibilitou datar a sepultura de um *terminus a quo*; sobre os pés do esqueleto da sepultura 2, uma moeda de bordo chanfrado, de bronze, muito gasta, integrável no período republicano (século II a. C. a meados do I a. C.).

O costume de os defuntos serem acompanhados por uma ou mais moedas nos túmulos encontrados no município de Cascais está mais do que comprovado, desde o período do Alto Império até ao século XVI.

O uso de moedas fora de circulação, como é o caso do asse republicano da sepultura 2, para pagamento do óbolo a Caronte, justifica-se por se tratar de uma oferenda votiva, sem interesse pecuniário.

### INVENTÁRIO

1 - (Sep. 1; fig. 15). Asse de Marco Aurélio, oficina indeterminada, 161-180 d. C.

Anverso: ilegível. Busto barbado à direita.

Reverso: ilegível. Figura feminina sentada à esquerda, com cornucópia na mão esquerda.

Medidas: Ø: 25 mm. Peso: 10,52 gr. Eixo: 12.

Observações: muito desgastada.

2 - (Sep. 2, fig. 16).

Asse. República. Século II a. C. a meados do I a. C.

Anverso: ilegível. Janus bifronte.

Reverso: ilegível. Proa de galera à direita.

Medidas: Ø: 34 mm. Peso: 21,22 gr. Eixo: ?.

Observações: muito desgastada.



15. Moeda da sepultura 1.  
Fotografia Guilherme Cardoso



16. Moeda da sepultura 2.  
Fotografia Guilherme Cardoso

## LUCERNA

Foi recolhida uma lucerna no interior da sepultura 2 (fig. 17.1). Produzida a molde, de fraca qualidade, com evidências de utilização.

Verifica-se que foi produzida regionalmente, devido às características das argilas, que apresentam desengordurantes de quartzo leitoso, fumado e róseo, moscovite, óxido de ferro vermelho e, por vezes, calcário. Pasta semi-oxidante, de cor rosada (Munsel 5YR 7/6), pouco dura, de grão fino a médio e foliáceo.

Como já tivemos ocasião de sublinhar (Cardoso *et alii*, 2022: 94), a qualidade da lucerna evidencia um espaço ocupado por uma população rural, de poucos rendimentos, mas que mantinha os ancestrais rituais funerários romanos.

## INVENTÁRIO:

- 1 - (Sep. 2; fig.17.1). Lucerna tipo Deneaneu VIIIc, asa cheia do tipo Ponsich  
Corpo circular com bico redondo e vestígios de utilização. O orifício encontrava-se ao centro. Datável de 75 d. C. ao séc. III d. C.  
Medidas: comprimento, 97 mm; largura, 69 mm; altura, 25 mm.

## PÚCAROS E COPA

Os púcaros são as oferendas mais comuns que se encontram em túmulos de época romana no concelho de Cascais. No mesmo conjunto se integra uma copa ou púcara, recipiente mais raro nestas necrópoles.

Na sepultura 1, um púcaro junto ao pé esquerdo (fig. 17.2). De forma periforme, lábio em fita, canelura horizontal no bojo, pé em bolacha e duas asas que saíam do colo, logo abaixo do lábio e ligavam ao bojo na zona da canelura. A forma é semelhante à dos púcaros provenientes da necrópole de Freiria das sepulturas 98.23 e 99.8, datados de entre os finais do século I e os inícios do século II (Cardoso, 2018a: 172). No entanto, a moeda de Marco Aurélio que acompanhava o defunto aponta para a segunda metade do século II.

O púcaro proveniente do túmulo 2 (fig. 17.3) encontrava-se no lado esquerdo do fémur. Tem, como o anterior, a forma periforme, lábio em fita, canelura no bojo, pé em bolacha e duas asas em fita com duas caneluras verticais que saem do lábio e ligam ao bojo na zona da canelura.

Já foi alvo de publicação, por apresentar dois grafitos com três letras cada um: MIS e MIF. Interpretámo-los como sendo a identificação das cinzas de dois indivíduos cujas cinzas neles teriam sido depositadas. As três siglas poderão ser as dos três nomes com que os romanos se identificavam. Sendo assim, M será a sigla de *Marcus*. I indicará o nome de família; na medida em que estamos em território da família *Iulia*, não parece despropósito sugerir o desdobramento em *Iulius*. A terceira sigla é diferente; na verdade, os membros masculinos duma família poderia ter o primeiro nome herdado do pai, o nome de família era igual para todos, mas havia um nome distintivo, era o *cognomen*, nome pelo qual na família eram chamados. F e S designariam, pois, esse nome. Dubitativamente, sugerimos F(*elix*) e S(*everus*) por se tratar de dois dos nomes mais comuns (Encarnação, 2001: n.º 39). Nada garante, porém, que seja esta a opção certa.

Importa também referir que, mui provavelmente, na sua tão concisa simplicidade, as siglas queiram dizer que ali foram colocadas as cinzas de dois irmãos ou de um pai e um filho – dada a identidade dos dois primeiros nomes. Portanto, desdobrar-se-iam as siglas em genitivo, que é o caso para indicar a posse: *M(arci) I(ulii) S(everi)*, *M(arci) I(ulii) F(elicis)*, isto é, «de Marco Júlio Severo», «de Marco Júlio Félix». Por outro lado, esta singela menção da identificação dos defuntos por meio de grafitos no bojo de uma urna é, já de si, sintoma de avançado estágio de aculturação.

Como no caso do primeiro púcaro, também este tem semelhança com os provenientes das sepulturas de Freiria (idem, 2018a: 172), dos finais do século I d. C. a inícios do II d. C. Neste caso, a moeda achada junto aos pés é muito mais antiga, não servindo para atribuir uma cronologia à sepultura que datamos, como no caso do túmulo 1 da segunda metade do século II ou mesmo já do III.

Da sepultura 2 é também proveniente uma copa ou púcara, que se encontrava sobre o fémur direito. Mais larga do que alta, tem forma de taça com uma canelura

no bojo, lábio em voluta, bojo ligeiramente reentrante, pé em bolacha, asas em fita a saírem do lábio e a ligarem ao bojo na zona da canelura (fig. 17.5).

#### INVENTÁRIO:

Sepultura 1 - Púcaro fragmentado de duas asas. Altura, 105 mm; diâmetro no bojo, 99 mm.

Sepultura 2 - Púcaro, com duas asas e grafitos no bojo. Altura, 105 mm; largura máxima, 118 mm; diâmetro no bojo, 102 mm.

Sepultura 2 - Copa fragmentada, com duas asas. Altura, 79 mm; largura máxima, 152 mm; diâmetro do pé, 47 mm.

#### TAÇA/TIGELA

Na sepultura 2 foi recolhida uma taça ao lado do fémur esquerdo (fig. 17.4).

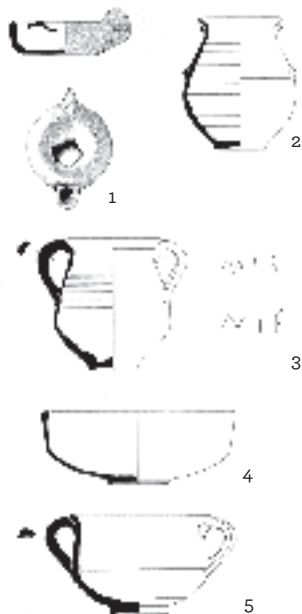
Apresenta paredes altas paralelas com carena baixa, lábio espessado e pé vazado.

A semelhança que tem com o tipo Hayes 14/15 e com a *terra sigillata* africana A, pode apontar para uma datação dos finais do século II / inícios do III.

Na olaria romana da Quinta do Rouxinol, foram produzidas taças de tipo semelhante (tipo 1.3.2.2/ Hayes 14), que foram datadas de entre a segunda metade do III e a primeira do IV (Santos, Raposo e Quaresma, 2015: 133).

#### INVENTÁRIO:

Sepultura 2 - Taça/ tigela. Cerâmica comum. Diâmetro, 153 mm; altura, 61 mm.



17. Espólio votivo. 2, sepultura 1, 3-5, sepultura 2  
Desenhos Eurico Sepúlveda

## CRONOLOGIA

Pelo tipo de espólio encontrado dentro das sepulturas 1 e 2, podemos datá-las dos finais do século II a inícios do III. Quanto à sepultura 3, devido à larga cronologia que se conhece em enterramentos do mesmo género, podemos apontar para um período entre os finais do século II e o século V.

No caso do enterramento 4, no silo 10, apontamos para ter ocorrido durante o século XII.

## DADOS ANTROPOLÓGICOS

O trabalho antropológico de exumação do material osteológico humano identificado foi efetuado pelos antropólogos Gonçalo Carnim e Hugo Cardoso, nas respetivas intervenções. Em setembro de 2022 a antropóloga Carmen Pereira analisou o material osteológico que se encontrava armazenado na reserva arqueológica do município e os relatórios antropológicos de campo.

No que respeita aos dados antropológicos, verifica-se uma organização do espaço sepulcral, que, embora resulte de uma amostra reduzida, se revela muito significativa para a interpretação dos rituais funerários observados.

No decurso dos trabalhos arqueológicos foram identificados quatro espaços sepulcrais com presença de enterramentos de inumação. Assim, no ano de 2000, Gonçalo Carnim exumou três enterramentos e, no ano de 2001, Hugo Cardoso recolheu o enterramento que se registou no silo 10.

### Sepultura 1

Nesta sepultura houve enterramento inumado em posição de decúbito dorsal com uma orientação este-oeste. O esqueleto apresentava as mãos sobre a bacia e os membros inferiores estendidos (Carnim, 2000: 1), estando o direito fletido. Estavam ligeiramente remexidos o membro superior esquerdo, o coxal direito, o sacro, o fémur direito e os pés (figs. 3 e 4).

Os ossos encontravam-se, na generalidade, em bom estado e, após análise, inferiu-se que correspondiam a uma senhora (Ferembach *et alii*, 1980; Bruzek, 1991; Krogman e Iscan, 1986) com uma idade, à morte, estimada entre os 40 e os 50 anos (Masset, 1982; Lovejoy *et alii*, 1985); 1,50 m de estatura (Olivier *et alii*, 1978), robustez do úmero e da tibia, capacidade craniana com cerca de 1246 cc (Olivier *et alii*, 1978), e achatamento considerável nos membros inferiores, com fémur platimérico e a tibia platicnémica.

Morfologicamente, identificaram-se como caracteres discretos cranianos a ausência de forâmen parietal e a existência de ponte mielohióide (Hauser e De Stefano, 1989) e, nos pós-cranianos, a presença de tubérculo peronial (Finnegan, 1978).

No campo das doenças orais, esta senhora revelava a presença de desgaste ligeiro na dentição (adapt. Smith, 1984 *in* Silva, 1996), tártaro acentuado com mais de metade da superfície nos incisivos (adapt. Martin e Saller, 1956 *in* Cunha, 1994) e a presença de cárie com uma pequena fissura na superfície cervical, junto à linha de junção cimento-esmalte (Lukacs, 1989; Moore e Cobert, 1971 *in* Powell, 1985). Adicionalmente à doença oral, registou-se a degenerativa articular e não articular, com presença de osteofitose mais acentuada na zona torácica e mais ligeira na zona lombar (Crubézy *et alii*, 1985), mais especificamente da T7 até à L5. O registo do antropólogo (Carnim, 2000: 2) refere, ainda, a eventualidade de, na T7 e T8, ter ocorrido uma fusão de vértebras e provável diagnóstico de anquilose (Aufderheide e Rodriguez-Martín, 1998; Barnes, 2008), (fig. 5). No que concerne às doenças não articulares, registou-se a presença de alterações da entese de natureza osteofítica mínima (Mariotti *et alii*, 2004) nos arcos vertebrais (ligamento flavo).

## Sepultura 2

Sepultura aberta no substrato geológico, ou seja, num covacho (Cardoso *et alii*, 2009: 339), com presença da inumação de um enterramento de orientação este-oeste, em posição de decúbito dorsal, com a cabeça sobre o tórax, as mãos sobre a bacia e os membros inferiores estendidos (Carnim, 2000: 2) e paralelos entre si. Os ossos encontravam-se em bom estado e, após análise, inferiu-se que correspondiam a uma rapariga (Wasterlain, 2000; Krogman e Iscan, 1986) jovem com uma idade, à morte, estimada entre os 19 e os 22 anos (Ubelaker, 1989), figs. 6 e 7.

No campo das doenças orais, esta jovem apresentava um desgaste (adapt. Smith, 1984 *in* Silva, 1996) e tártaro ligeiros (adapt. Martin e Saller, 1956 *in* Cunha, 1994), e revelava ainda indicadores de stress não específico, com a presença de hipoplasias do esmalte dentário no canino direito e primeiros pré-molares direitos e esquerdos, deduzindo-se que, nos períodos de idade compreendidos entre os 3 e os 6 anos de idade, esta jovem terá sofrido episódios de stress ou doença, que permitiram o seu registo no esmalte dentário e terão afetado o seu bom desenvolvimento (Goodman e Rose, 1991).

## Sepultura 3

Sepultura de inumação de uma criança com idade, à morte, estimada inferior a 1 ano de idade (Ubelaker, 1989). Encontrava-se inumada com uma orientação sul-norte e sob um *imbrex* (Cardoso *et alii*, 2009: 339), figs. 8 e 9. A fragilidade e o mau estado de preservação dos ossos contribuíram para que não fosse possível obter mais resultados relativos a esta inumação (Carnim, 2000: 3).

## Silo 10

Espaço de inumação localizado junto à parede oeste do silo 10<sup>4</sup>. O corpo foi inumado na posição de decúbito lateral esquerdo fletido, com a face provavelmente voltada para oriente (Cardoso, 2001: 2). Membros superiores estendidos, ligeiramente afastados do tronco, as mãos localizadas sobre o joelho direito, e os membros inferiores fletidos com o direito sobre o esquerdo. O direito apresentava uma flexão de, aproximadamente, 150°, com o pé sobre uma pedra; exibia o esquerdo uma flexão de cerca de 180°, com o pé junto à bacia (Cardoso, 2001: 2), figs. 10 e 11.

Neste enterramento o antropólogo Hugo Cardoso observou uma alteração da posição natural da face resultante de uma deposição desta natureza, afirmando que “a face foi detectada voltada para o solo, mas a posição das vértebras indicava que esta posição tinha resultado provavelmente de uma rotação *post mortem* para o lado esquerdo, do crânio e das primeiras vértebras cervicais” (Cardoso, 2001:2). Os ossos deste enterramento encontravam-se em bom estado de preservação, e a sua análise permitiu inferir que pertenciam a uma jovem adulta de idade compreendida entre os 19 e os 24 anos (Ferembach *et alii*, 1980; Silva, 1995; Scheuer e Black, 2000: 218; Wasterlain, 2000), fig. 13, com 1,49 m de estatura (Mendonça, 1998), figs. 10 e 11.

Morfologicamente, identificou-se nesta jovem a presença de caracteres discretos, ou seja, de *foramina* supraorbital acessória na órbita direita (Hauser e De Stefano, 1989), fig. 14, de superfície articular inferior talar dupla contínua nos talus e de faceta anterior dupla contínua nos calcâneos (Finnegan, 1978), fig. 12.

No campo das doenças orais, apresentava desgaste (adapt. Smith, 1984 *in* Silva, 1996) e tártaro ligeiros (adapt. Martin e Saller, 1956 *in* Cunha, 1994), assim como o registo de uma pequena cárie na superfície oclusal (Lukacs, 1989; Moore e Cobert, 1971 *in* Powell, 1985) de um molar solto. Também se registou a perda *ante mortem* do segundo pré-molar e molares superiores esquerdos com reabsorção alveolar quase concluída (Hillson, 1996, 2000).

Para além de ser uma jovem adulta, a análise osteológica identificou a presença de doença degenerativa articular e não articular. A primeira com evidência da presença de osteofitose ligeira nas zonas torácica e lombar (Crubézy *et alii*, 1985), e, no campo das doenças não articulares, a frequência de alterações da entese de natureza osteofítica mínima (Mariotti *et alii*, 2004) no músculo *triceps brachii* e *anconeus* do cúbito esquerdo e no tendão de Aquiles na área posterior do calcâneo esquerdo, e de natureza osteolítica mínima (Mariotti *et alii*, 2004) no músculo extensor da coxa da tuberosidade isquiática esquerda.

.....  
4 Este silo terá sido denominado aquando dos trabalhos de campo de sepultura 5, embora a amostra total seja constituída apenas por quatro enterramentos.

## CONCLUSÕES

A *villa* romana de Vilares – Murches de Cascais, justamente por revelar uma amostra diminuta – a exumação de apenas quatro enterramentos – não representa de todo a comunidade total da época. Contudo, os resultados obtidos são significativos para uma abordagem no que se refere aos rituais funerários praticados, à morfologia e morbidade desta comunidade.

Os trabalhos arqueológicos e antropológicos desenvolvidos nos anos 2000 e 2001 permitiram escavar e exumar os quatro enterramentos inumados em espaços sepulcrais distintos: estrutura retangular com tampa, covacho e um silo.

Do ponto de vista da antropologia funerária, registaram-se três orientações distintas: uma orientação este-oeste nas sepulturas 1 e 2 (Carnim, 2000), uma orientação S-N na sepultura 3 (Carnim, 2000), e uma orientação norte-sul do silo 10 (Cardoso, 2001).

Os espaços sepulcrais apresentaram particularidades para que o ato de sepultamento dos seus mortos fosse distinto. São espaços de inumação que revelam a posição em decúbito dorsal nos enterramentos das sepulturas 1 e 2, com a característica particular na posição do membro inferior direito, ligeiramente fletido, e a posição fetal do enterramento depositado no silo 10. O enterramento da sepultura 3 não permitiu uma interpretação da sua posição de inumação. Contudo, os espaços sepulcrais foram escavados propositadamente para a colocação dos seus mortos, o que reflete a sua intencionalidade e cuidado.

Do ponto de vista da demografia, regista-se, pois, a presença de três mulheres e de uma criança, num intervalo etário compreendido entre o primeiro ano de vida e os 50. A estatura rondaria 1,50 m. Morfologicamente, merece realce a identificação de caracteres discretos enquanto elementos filogeneticamente cada vez mais relevantes (Mays, 1998).

Estas variações anatómicas, em comparação com outras amostras populacionais locais ou não, podem permitir conclusões acerca de características morfológicas, de relações familiares e/ou habitacionais. Assim, vemos que, nesta amostra, a senhora da sepultura 1 registou a ausência de forâmen parietal e a existência de ponte mielohióide (Hauser e De Stefano, 1989) e a presença de tubérculo peronial (Finnegan, 1978), enquanto a jovem do silo 10 evidenciou a presença de *foramina* supraorbital acessória na órbita direita (Hauser e De Stefano, 1989), de superfície articular inferior talar dupla contínua nos talus e de faceta anterior dupla contínua nos calcâneos (Finnegan, 1978).

Patologicamente, a morbidade da população relaciona-se com evidências degenerativas, infeções ou até metabólicas ou congénitas, embora existam muitas mais.

Nesta amostra e perante uma faixa etária mais jovem e centrada nas mulheres, a comunidade apresentava alguma robustez óssea e revela indícios de uma prática de atividades diárias que exigia um esforço físico e de suporte de carga. São disso



exemplos a senhora da sepultura 1 com osteofitose na coluna vertebral (Crubézy *et alii*, 1985) e um possível diagnóstico de anquilose (Aufderheide e Rodriguez-Martín, 1998; Barnes, 2008) da T7 e T8 e a jovem do silo 10 também com osteofitose (Crubézy *et alii*, 1985). Nestes casos, existe uma destruição gradual da cartilagem e das superfícies articulares do osso, como consequência de um prolongado stress mecânico, e uma perda progressiva da cartilagem entre os ossos da articulação, de forma que as superfícies articulares ficam em contacto direto (Ubelaker, 1989).

As doenças não articulares fundamentam a percepção de informações sobre as atividades musculares dos indivíduos que as possuem e consequentemente inferições das atividades físicas habituais das populações (Dutour, 1986). Observa-se uma alteração da entese, ou seja, a zona óssea onde se inserem os tendões, ligamentos e cápsulas articulares (Freemont, 2002), contribuindo para uma remodelação com osso novo (Assis, 2007). Esta condição pode originar dois tipos de lesões de natureza distintas: as osteofíticas e as osteolíticas (Mariotti *et alii*, 2004). Enquanto as primeiras se manifestam através do aparecimento de protuberâncias lisas ou rugosas, cristas, espigões digitiformes ou em vela, as segundas, e devido ao stress excessivo sobre a entese, caracterizam-se por cavidades líticas de diferentes tamanhos e formas (Mariotti *et alii*, 2004). São exemplos, nesta amostra, a presença de natureza osteofítica mínima (Mariotti *et alii*, 2004) nos arcos vertebrais (ligamento flavo) da senhora da sepultura 1; na jovem do silo 10 a evidência foi registada no músculo *triceps brachii* e *anconeus* do cúbito esquerdo e no tendão de Aquiles na área posterior do calcâneo esquerdo (Mariotti *et alii*, 2004), e a de natureza osteolítica mínima (Mariotti *et alii*, 2004) registou-se no músculo extensor da coxa da tuberosidade isquiática esquerda.

No que concerne às doenças das cavidades orais, os dados obtidos possibilitam uma reconstituição dos hábitos dietéticos e dos padrões de subsistência dos nossos ancestrais (Lukacs, 1989; Mays, 1998). A presença de cáries, que resultam inevitavelmente na dor e na presumível perda *ante mortem* dos dentes (Waldron, 2009), consiste na destruição do esmalte e cimento, através de cavidades e fissuras na superfície da coroa e da raiz do dente (Hillson, 2000; Mays, 1998). Esta perda de dentes *ante mortem* registou-se na jovem inumada no silo 10, perante os alvéolos praticamente reabsorvidos na totalidade. Assim, face ao preceito do processo de reabsorção que se estima num período espectável de 3 anos (Hillson, 1996) considera-se que esta jovem terá perdido o pré-molar e molares cerca de 3 anos antes da sua morte (Hillson, 1996, 2000). Perante o registo de desgaste dentário da senhora da sepultura 1 e das jovens da sepultura 2 e silo 10, identificou-se a erosão contínua do esmalte dentário da superfície oclusal dos dentes provocado pela fricção mandibular durante o ato de mastigação, conjugado com o efeito abrasivo dos constituintes duros presentes na alimentação (Hillson, 1996, 2000), ou seja, do processo de mastigação relacionado com o tipo de dieta ingerida, ou seja, mais abrasiva. Perante esta avaliação deduz-se que o consumo da dieta desta comunidade seria composto de glícidos, cereais e possivelmente alguma

carne mais dura. No que concerne aos hábitos de higiene oral seriam parcos perante a presença de tártaro (adapt. Martin e Saller, 1956 *in* Cunha, 1994) na dentição observada.

No que respeita à criação de um ano de idade à morte, estimada pelo antropólogo Gonçalo Carnim (2000:2), não foi possível perceber se apresentava alguma alteração óssea que pudesse inferir um diagnóstico de doença devido à ausência dos seus ossos. Adicionalmente a este facto, os revolvimentos detetados nos enterramentos da sepultura 1 e do silo admitem uma interpretação do cultivo dos terrenos onde se identificaram estes registos, quer nos ossos, quer nas estruturas arqueologicamente definidas.

A interpretação dos gestos funerários aqui representados pelas ações dos vivos à data e observadas pelos arqueólogos e antropólogos no decurso dos trabalhos, identificam dois períodos de ocupação distintos: o romano e o muçulmano. O sepultamento realizar-se-ia, numa primeira fase, com a preparação das estruturas funerárias ou a modelação da rocha para a inumação dos seus mortos e, numa fase posterior, com a utilização de, pelo menos, um silo para inumação em espaço reduzido, respetivamente.

O ato de sepultamento é claramente evidente e intencional nestas quatro sepulturas. Assim como o ritual das oferendas que foram dispostas junto do indivíduo inumado. A senhora da sepultura 1 fazia-se acompanhar, no seu espaço funerário, de um púcaro, uma lucerna e uma moeda, enquanto a jovem da sepultura 2 teria uma tigela, um púcaro, uma copa e uma moeda junto de si. Cada objeto oferecido representa um simbolismo para a ocasião: o púcaro, a copa e a tigela como utensílios relacionados com a mesa de alimentos sólidos e líquidos, a oferenda da lucerna como símbolo de luz, e as moedas como “deposição do óbolo para Caronte”, o pagamento da viagem, pois, se a alma não pudesse pagar, ficaria na margem do Aqueronte por toda a eternidade e temia-se que pudesse regressar para perturbar os vivos (Fernandes *et alii*, 2012).

Através desta conjugação de dados, foi possível caracterizar a organização dos espaços de sepultamento, das particularidades biológicas, culturais e de saúde desta comunidade inumada nesta área do atual concelho de Cascais. A divulgação dos resultados contribui para uma pesquisa globalizada que pode ser integrada com estudos futuros, referentes a amostras exumadas nesta zona de intervenção arqueológica, para uma correlação do conhecimento populacional local.

Ficou comprovada a existência de estruturas, na propriedade ora sondada, em duas áreas distintas. Através dos materiais recolhidos na parte inferior da sondagem G9 pode dizer-se que o local já era ocupado nos inícios do século I e foi abandonado durante os finais do século IV.

Embora tudo estivesse bastante arrasado pelos séculos de lavoura, foi possível comprovar de que se tratava de uma zona habitada, cuja população vivia em edifícios de alvenaria seca e utilizava o método de enrocamento para preparar os seus pisos.

A descoberta de três sepulturas de inumação na mesma área coloca a hipótese de esta ter deixado de servir como espaço habitacional durante o século II ou inícios do seguinte. Na área norte, existem vestígios de alguns muros, onde se vislumbram dois compartimentos e alguns alinhamentos sem seguimento. Parece tratar-se de construções agrárias que podemos datar do século III/IV d. C.

Após o abandono do espaço, ainda no tempo romano, foi o mesmo ocupado durante a Idade Média, no período islâmico, tendo sido aproveitadas algumas das estruturas romanas, na zona norte, encontrando-se, no interior de um dos compartimentos, um conjunto de alfaias agrícolas de ferro, de que faziam parte duas relhas, uma espátula e dois martelos. O local terá, assim, sido habitado durante o período islâmico, pelo que os edifícios norte voltaram a ser reaproveitados.

No sector central foram identificados e escavados silos muçulmanos entulhados de pedras e terra, e uma fossa circular contendo abundantes cinzas, fauna e alguma cerâmica.

## BIBLIOGRAFIA

- AUFDERHEIDE, A.; RODRIGUEZ-MARTÍN, C. (1998) - *The Cambridge Encyclopedia of Human Paleopathology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ASSIS, S. (2007) - *A Memória dos Rios no Quotidiano dos Homens: Contributo de uma Série Osteológica Proveniente de Constância para o Conhecimento dos Padrões Ocupacionais*. Tese de Mestrado em Evolução Humana. Departamento de Antropologia. Coimbra, Universidade de Coimbra.
- BARNES, E. (2008) - Congenital anomalies. In PINHASI, R., e MAYS, S. (eds.), *Advances in Human Paleopathology*. New York: John Wiley e Sons, Ltd., p. 329-362.
- BRUZEK, J. (1991) - Proposition d'une nouvelle méthode morphologique dans la détermination sexuelle de l'os coxal: application à la chaussée tirancourt. In *Méthodes d'Études des Sépultures*. France, Saintes, Centre National de la Recherche Scientifique, p. 13-21.
- CARDOSO, Guilherme (1991) - *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Câmara Municipal de Cascais, Cascais.
- CARDOSO, Guilherme (2018a) - *Villa Romana de Freiria: Estudo Arqueológico*. Câmara Municipal de Cascais, Cascais.
- CARDOSO, Guilherme (2018b) - As necrópoles romanas/visigóticas de Miroiço e Alcoitão (Cascais). *Conimbriga* LVII, p. 169-216.
- CARDOSO, Guilherme; BATALHA, Luísa; GIL, Rui; SANTIAGO, Rafael (2022) - Vilares: de la Antigüedad tardía a la Edad Media. In Sara PRATA, Fabián CUESTA-GÓMEZ e Catarina TENTE (coord.) *Paisajes, espacios y materialidades. Arqueología rural altomedieval en la península ibérica*. Oxford: Archaeopress Access Archaeology, p. 278-288.
- CARDOSO, Guilherme; CABRAL, João; ENCARNAÇÃO, José d', e TRINDADE, Lurdes (2000) - Sondagens de emergência no concelho de Cascais - sítio de Vilares, *Al-madan*, 2ª Série, 9, p. 9.
- CARDOSO, Guilherme, e CARDOSO, João Luís (2022) - As necrópoles da Antiguidade Tardia na região de Cascais e Oeiras. In CARDOSO, Guilherme, e NOZES, Cristina (coord.), *A Morte no Ager Olisiponensis (série Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo)*. Lisboa: Caleidoscópio e Câmara Municipal de Lisboa, p. 83-101.

- CARDOSO, Guilherme; NETO, Nuno; REBELO, Paulo; BATALHA, Luísa; GRANJA, Raquel (2022) - A necrópole romana do Alto do Cidreira no Baixo-Império. In CARDOSO, Guilherme; NOZES, Cristina (coord.) *A morte no Ager Olisiponensis* (série *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo*). Lisboa: Caleidoscópico e Câmara Municipal de Lisboa, p. 83-101.
- CARDOSO, G.; MIRANDA, J.; TEIXEIRA, C. A. (2009) - *Registo fotográfico de Alcabideche e alguns apontamentos histórico-administrativos*. Alcabideche: Junta de Freguesia de Alcabideche, p. 339-341.
- CARDOSO, H. F. V. (2001) - *Sobre um esqueleto detectado num silo na villa romana de Vilares (Murches, Cascais) - Dados da antropologia de campo*. Cascais, p. 1-10.
- CARNIM, G. N. L. (2000) - *Três indivíduos exumados da villa romana de Vilares: relatório de estudo preliminar*. Coimbra, Departamento de Antropologia. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, p. 1-5.
- CRUBÉZY, E.; MORLOCK, G.; ZAMMIT, J. (1985) - Diffuse Idiopathic skeletal hyperostosis and enthesopathy in Medieval populations. *Clinical Rheumatology*. Nº 5: 2. Philadelphia, p. 2-17.
- CUNHA, E. (1994) - *Paleobiologia das populações medievais portuguesas. Os casos de Fão e São João da Almedina*. Dissertação de Doutoramento em Antropologia. Coimbra, Departamento de Antropologia. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Policopiado.
- DUTOUR, O. (1986) - Enthesopathies (lesions of muscular insertions) as indicators of the activities of Neolithic Saharan Populations. *American Journal of Physical Anthropology*. 71, p. 221-224.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2001) - *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, 2ª edição revista e aumentada, Cascais.
- FERNANDES, T. M.; PAREDES, J.; REBOCHO, L.; LOPES, M. H.; JANEIRINHO, V. (2012) - Área funerária romana em Évora: dos restos ósseos aos rituais funerários. *Antropologia Portuguesa* 29. Coimbra: CIAS - Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, p. 183-201.
- FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I.; STOUKAL, M. (1980) - Recommendations for age and sex diagnoses of skeletons. *Journal of Human Evolution* 9, p. 517-549.
- FINNEGAN, M. (1978) - Non-metric variation of the infracranial skeleton. *Journal of Anatomy* 125 (1), p. 23-47.
- FREEMONT, A. J. (2002) - Enthesopathies. In *Mini-Symposium: non-neoplastic osteoarticular pathology*. *Current Diagnostic Pathology* 8, p. 1-10.
- GONÇALVES, Alexandre M. (2011) - *A Necrópole Romana do Casal do Rebole (Almargem do Bispo, Sintra)*. Tese de Mestrado em Arqueologia. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História. Policopiada.
- GOODMAN, A. H.; ROSE, J. C. (1991) - Dental Enamel hypoplasias as indicator of nutritional status. In KELLEY, M. A.; LARSEN, C. S. (ed.). *Advances in dental anthropology*. Wiley-Liss, Inc. New York. USA, p. 279-294.
- HAUSER, G.; DE STEFANO, G. F. (1989) - *Epigenetic variants of the human skull*. Schweizerbart, Stuttgart.
- HILLSON, S. (1996) - *Dental Anthropology*. Cambridge, Cambridge University Press.
- HILLSON, S. (2000) - Dental Pathology. In KATZENBERG, M. A.; SAUNDERS, S. (eds.), *Anthropology of the Human Skeleton*. New York, Wiley-Liss, Inc., p. 249-286.
- KROGMAN, W. M.; ISCAN, M. Y. (1986) - *The Human Skeleton in Forensic Medicine*. Springfield, Charles C. Thomas, p. 413-457.
- LOVEJOY, C.; MEINDL, R. S.; MENSFORTH, R. P.; CARLOS, L. D. (1985) - Accuracy and Direction of error in the Sexing of the Skeleton: Implications for Paleodemography. *American Journal of Physical Anthropology* 68, n.º 1, p. 79-85.
- LUKACS, J. (1989) - *Dental Paleopathology: Methods for Reconstructing Dietary Patterns. Reconstruction of Life from Skeleton*. New York, Alan R. Liss, Inc., p. 261-286.

- MARIOTTI, V.; FACCHINI, F.; BELCASTRO, M. G. (2004) - Enthesopathies - proposal of a standardized scoring method and applications. *Collegium Anthropological* 28 (1), p. 145-159.
- MASSET, C. (1982) - *Estimation de l'âge au décès par les sutures crâniennes*. Thèse Doctoral. Laboratoire d'Anthropologie Biologique, Paris, Université de Paris VII.
- MAYS, S. (1998) - *The archaeology of human bones*. London: Routledge.
- MENDONÇA, M. C. N. (1998) - *Contribución para la Identificación Humana a partir del Estudio de las Estructuras óseas. Determinación de la Talla a través de la Longitud de los Huesos Largos*. Tesis Doctoral. Facultad Medicina. Madrid, Universidad Complutense de Madrid.
- NOLEN, Jeannette (1988) - A villa romana do Alto do Cidreira (Cascais) - Os materiais. *Conimbriga* XXVII, p. 61-140.
- OLIVIER, G.; FULLY, G.; AARON, G.; TISSIER, G. (1978) - New estimations of stature and cranial capacity in modern man. *Journal of Human Evolution* 7, p. 513-518.
- POWELL, M. (1985) - *The Analysis of Dental Wear and Caries for Dietary Reconstruction. The Analysis of Prehistoric Diets*. San Diego, Academic Press, Inc., p. 307-338.
- RAMALHO, M. M.; REY, J.; ZBYSZEWSKI, G.; PALÁCIOS, T.; MOITINHO DE ALMEIDA, F.; COSTA, C.; KULLBERG, M. C. (2001) - *Notícia explicativa da folha 34-C Cascais. Carta Geológica de Portugal na escala 1/500000 - 34-C*, Lisboa, Departamento de Geologia Instituto Geológico e Mineiro.
- SANTOS, Cézer; RAPOSO, Jorge; QUARESMA, José Carlos (2015) - Análise crono-estratigráfica da olaria romana da Quinta do Rouxinol (Corroios, Seixal). In QUARESMA, J. C.; MARQUES, J. A. (coord.) *Contextos estratigráficos na Lusitania (do Alto Império à Antiguidade Tardia)*. Monografia AAP, 1, Lisboa, p. 117-148.
- SCHEUER, L.; BLACK, S. (2000) - *Developmental juvenile osteology*. London Academic Press.
- SILVA, A. M. (1995) - Sex assessment using the calcaneus and talus. *Antropologia Portuguesa* 13. Coimbra, Departamento de Antropologia. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, p. 107-120.
- SILVA, A. M. (1996) - *Noções de antropologia funerária: práticas funerárias do Paleolítico Médio ao Neolítico Final*. Prova de aptidão pedagógica e capacidade científica. Coimbra. Departamento de Antropologia. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Policopiado.
- OLIVEIRA, Francisco de Paula e (1888/92) - Antiquités Préhistoriques et Romaines des Environs de Cascaes. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos*, II, Fasc. I, Lisboa, p. 82-108.
- UBELAKER, D. (1989) - *Human skeletal remains: excavation, analysis, interpretation*. 2nd edition. Washington, Traxacum Washington.
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2013) - Práticas y ritos funerários. In QUIRÓS CASTILLO, J. A.: (ed.). *El Poblamiento Rural de Época Visigoda en Hispania. Arqueología del campesinato en el interior peninsular*. Documentos de Arqueología Medieval, 6.
- WALDRON, T. (2009) - *Palaeopathology*. Cambridge, Cambridge University Press.
- WASTERLAIN, S. N. (2000) - *Morphé: Análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da coleção de esqueletos identificados do Museu de Antropologia da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana. Coimbra, Departamento de Antropologia. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Policopiado.